

que se tomasse posse de 5.000 pipas de vinho promettidas como garantia a fornecedores do exercito, a quem se deviam 130.000 libras.

Este facto é citado pelo sr. Oliveira Martins no seu *Portugal Contemporaneo*, no qual aprecia assim a sahida de Mousinho da Silveira, do ministerio de que fazia parte:

«Decedidamente, os escrupulos de Mousinho da Silveira prejudicavam a causa; e as suas esperanças na acção das leis revolucionarias provavam chimeras. Não havia um real; o exercito era pago com valles, (*Soriano, cerco*) e não se bolira na propriedade quando se morria de fome? Mousinho pois: era o fundo da carga de esperanças trazidas de fóra que se alijava ao mar!

Mousinho da Silveira sahido do governo partiu no mez de março seguinte para França, onde se demorou até aos fins de 1834 em que voltou a Portugal, a tomar conta do seu logar d'administrador geral da alfandega de Lisboa e assento na camara dos deputados, para a qual foi eleito pela provincia do Alemtejo.

Mousinho tomou parte importante em muitas das questões que se ventilaram n'aquella legislatura e sobre todas, na das indemnisações e na dos bens nacionaes.

O visconde d'Almeida Garrett diz, que Mousinho:

«se distinguiu pela strenua defeza da verdade e dos interesses publicos, contra a cegueira das paixões e contra a rapacidade dos interesses pessoaes. As indemnisações eram uma vergonha para o partido liberal. Mousinho contribuiu poderosamente para o salvar d'essa vergonha.»

A voz de Mousinho não foi porem ouvida, oppondo-se ao esbanjamento dos bens nacionaes, como mais tarde tambem lhe succedeu na reforma da lei dos foraes.

Apoz a revolução de setembro demittiu-se do seu cargo, indo residir para França até 1839, anno em que de novo voltou a Portugal para tomar assento na camara dos deputados, para onde novamente fôra mais uma vez eleito, pela provincia do Alemtejo.

Tomou parte importante na sessão de 1840, onde disse altas verdades e fez prophcias ao que parece em grande parte acertadas, sobre o futuro da marcha politica dos negocios do paiz.

De 1840 em deante Mousinho da Silveira viveu ora em Portugal, ora em França, até que veiu succumbir na patria em 1849.

A vida de Mousinho em França era sobremodo sobria e simples, cuidando primeiro, quasi que por inteiro, na educação do filho e depois, no bem estar da familia.

A seguinte carta que transcrevemos, dirigida por Mousinho da Silveira ás irmãs, que viviam em Castello de Vide, dará uma idéa:

«Paris 27 de dezembro de 1837.

Minhas queridas manas, chegamos aqui a 12 de Novembro, e temos tido saude, e o João vae estudando, e já vai fallando. Allenão estuda Philosophia e Algebra com o Silvestre Pinheiro que diz, que tem nelle postas as suas esperanças, veremos — aqui temos boa companhia e muitos jantares fóra, em casa do duque de Palmella, Sampaio e outra gente nossa conhecida, e temos tanta, ou mais convivencia, que em Lisboa — gastamos em comida 1600 por dia, e com a educação do rapaz coza de 240:000 por anno, vestuario, e lenha gastaremos ao anno tresentas moedas, que he menos do que em Lisboa, sem fallar na segurança com que se vive n'esta Babilonia de um milhão d'Almas, que todos os annos cresce, aonde ha tudo quanto a Natureza produz ou a humanidade fabrica — tudo, sem excepção alguma e no mesmo minuto, em que se deseja, com tanto que haja dinheiro ou que prometendo-o e não o pagando se resigne a ir para Santa Pelagia, que he onde estão aquelles, que não pagão o que devem e isto até pagar ou fazer 70 annos de idade.